



TURISMO
DE OBSERVAÇÃO

NO *limite*

*Onde o oceano gelado encontra o continente branco
vivem seres nascidos para enfrentar os rigores do clima.
E cada vez há mais turistas dispostos a percorrer grandes
distâncias para vê-los de perto*

E

spalhados nas praias de pedra, parecem rochas arredondadas, em quase tudo semelhantes a imensos seixos rolados: pardos ou pretos, alongados, roliços e amontoados de qualquer jeito, como se a maré cheia os tivesse deixado ali, à beira-mar. Não fosse pelo constante bufar e grunhir e só perceberíamos se tratarem de elefantes-marinhos (*Mirounga leonina*) quando levantam a cabeça para brigar. E as freqüentes 'discussões' colocam macho contra macho, para disputar o harém de fêmeas, e fêmea contra fêmea, em defesa dos filhotes. Os jovens brigam sozinhos, pelo melhor lugar ao sol e pela sobrevivência em meio a disputas alheias.

Durante a primavera — de setembro a dezembro — os enormes elefantes-marinhos permanecem estendidos no litoral do continente antártico e das ilhas antárticas e subantárticas, expostos tanto ao sol quanto às nevascas, que ocorrem mesmo nas estações mais 'quentes'. É quando nascem os filhotes, que vêm ao mundo com uma pelagem escura, insuficiente para isolá-los das águas frias do mar, portanto eles permanecem em terra. Assim que dá à luz, cada fêmea chama seu recém-nascido e





ele responde. O reconhecimento mútuo das vozes é importante para que o pequeno aprenda a reconhecer sua mãe, pois qualquer tentativa de mamar na fêmea errada pode lhe custar a vida. Também é comum o filhote ser 'atropelado' pelos machos em meio a brigas, e se não conseguir chamar a mãe logo, o bebê pode morrer de frio ou de fome.

Aves de rapina rondam o território dos elefantes-marinhos, atentas a tudo que esteja ao alcance de seus bicos fortes. De grande porte — cerca de 1,60 m entre as pontas das asas — as gaivotas-rapineiras (*Stercorarius maccormicki* e *S. antarcticus*) chegam a tirar restos de placenta de dentro das fêmeas que acabam de parir e não hesitam em bicar filhotes feridos ou debilitados até a morte. Por mais cruéis que possam parecer, as gaivotas-rapineiras são importantes 'recicladoras' de nutrientes, num ambiente em que as temperaturas extremas não permitem o luxo do desperdício.

FOTOS: LUMA JORNAL



Lobos e leões dos mares do sul

Treze espécies de pinípedes vivem nas regiões Antártica e subantártica, pertencentes a duas famílias, Otariidae e Phocidae. Existe uma terceira família de pinípedes, Odobenidae, representada apenas pela morsa (*Odobenus rosmarus*), mas esta ocorre no pólo oposto, no Ártico. As espécies de Otariidae que habitam os mares do sul são:

Leão-marinho-sul-americano (*Otaria flavescens*) — Os machos têm pescoço largo com pêlo grosso, assemelhando-se à juba do leão. Chegam a 350 kg e 2,80 m. As fêmeas atingem 140 kg e 2,20 m. Ocorrem na Antártica ao sul do continente americano. Assim como as demais espécies de Otariidae e algumas de Phocidae, o macho forma haréns que defende de machos rivais

Leão-marinho-australiano (*Neophoca cinerea*) — Ligeiramente menor que a espécie anterior. Os machos chegam a 300 kg e 2,50 m; as fêmeas, 100 kg e 1,80 m. Ocorre no sul da Austrália

Leão-marinho-da-nova-zelândia (*Phocarctos hookeri*) — Semelhante às duas espécies precedentes, porém maior. Os machos chegam a 450 kg e 3,30 m e as fêmeas, 160 kg e 2 m, sendo que estas têm a pelagem clara no peito. Ocorre nas ilhas subantárticas da Nova Zelândia

Lobo-marinho-antártico (*Arctocephalus gazella*) — Uma das espécies mais perseguidas por caçadores de peles. A fêmea é bem menor (40 kg) e mais clara do que o macho (200 kg). Um por cento da população tem pelagem totalmente clara

Lobo-marinho-subantártico (*Arctocephalus tropicalis*) — Distribuem-se por diversas ilhas subantárticas como Tristão da Cunha e Amsterdã. Têm o peito alaranjado, às vezes também formando uma máscara clara na face

Lobo-marinho-da-nova-zelândia (*Arctocephalus forsteri*) — Machos de 180 kg, de cor escura e pescoço largo. Fêmeas com até 50 kg e pelagem cinza-esverdeado. Ocorre na Tasmânia e Nova Zelândia

Lobo-marinho-do-cabo (*Arctocephalus pusillus*) — É o maior dos lobos-marinhos, atingindo até 360 kg e 2,30 m. Ocorre do sul da África às Ilhas Marion. Curiosamente, seu nome significa 'pequeno' em latim

Lobo-marinho-de-dois-pêlos (*Arctocephalus australis*) — Habitam o Cone Sul das Américas e as Ilhas Falkland. Machos de 200 kg e fêmeas, mais claras, de 50 kg

Cada elefante-marinho defende com violência 30 a 50 fêmeas

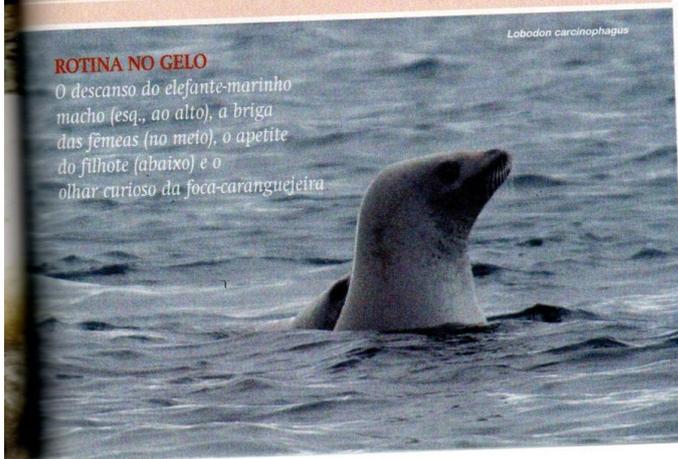
Os filhotes de elefantes-marinhos serão alimentados com o rico leite das mães somente durante 3 a 5 semanas. Depois disso são abandonados nas praias enquanto as mães voltam para o mar, para se alimentar. Nessa fase, trocam de pelagem e são obrigados a descobrir como se virar sozinhos, mergulhando pela primeira vez no oceano frio em busca de alimento.

Em geral, em cada grupo de elefantes-marinhos existem 30 a 50 fêmeas adultas e seus filhotes para cada macho dominante. Este precisa manter vigilância constante para assegurar seu harém contra solteiros intrusos, à espreita entre as ondas, no mar raso. As brigas constantes lhes rendem uma coleção de feridas e cicatrizes, sobretudo na cabeça e pescoço. Um macho desses chega a 4 ou 5 toneladas! É o maior dos pinípedes mamíferos marinhos com membros transformados em nadadeiras. O nome do grupo deriva do latim *pinna* (asa) e *pedes* (pés), uma referência aos membros em formato de 'asas'.

Visto de perto, quando está descansando, o elefante-marinho parece incapaz de se mexer, de tão gordo e pesado. Mas, cuidado com as aparências! Quando querem, eles podem ser rápidos, movimentando-se em ondas, em ataques fulminantes. Manter um olho nos grandes e outro nos turistas desavisados é uma das tarefas dos guias que acompanham quem desembarca nessas praias para observar a fauna. A distância mínima é de 10 metros, de acordo com as diretrizes do turismo na Antártica, mas nunca faltam fotógrafos muito entusiasmados ou visitantes distraídos de-

ROTINA NO GELO

O descanso do elefante-marinho macho (esq., ao alto), a briga das fêmeas (no meio), o apetite do filhote (abaixo) e o olhar curioso da foca-caranguejeira



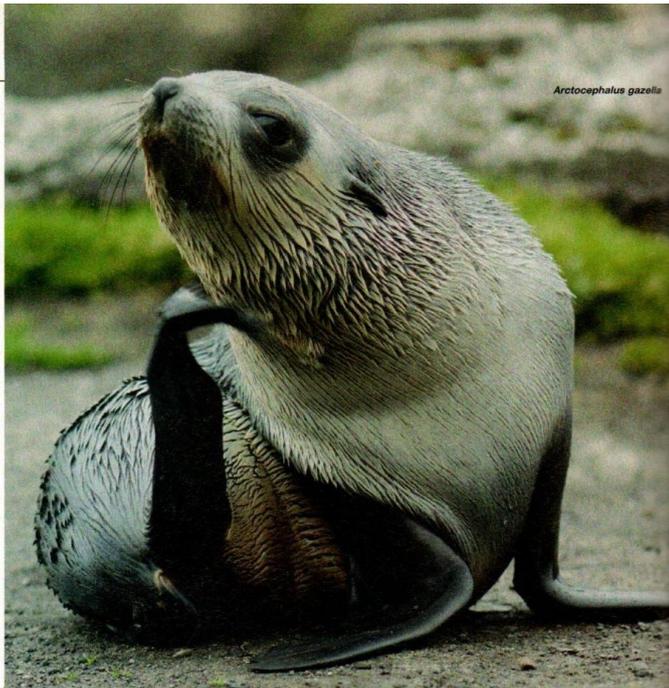
Lobodon cirrhopagus

mais. Por isso, os guias levam consigo bastões. Não para enfrentar os machos (seria inútil), mas para tentar reproduzir o 'código de toques' da fêmea disponível para acasalamento, acalmado a situação e possibilitando a fuga do turista ameaçado.

É evidente que o recurso só é utilizado em último caso. No geral, as regras do turismo na Antártica, hoje, procuram limitar qualquer interferência dos observadores na vida dos animais, de qualquer espécie. O desembarque, por exemplo, é limitado a 100 pessoas por vez e todas passam por escovas e tanques de lavagem das botas, na ida e na volta, uma medida que visa limitar o transporte de possíveis fungos e doenças de um lugar para outro.

A relação do homem com focas, lobos, leões e elefantes-marinhos, no entanto, não foi sempre amigável assim. A maioria dos pinípedes sofreu intensa pressão de caça nos séculos 18 e 19, quando suas peles abasteciam os mercados europeus, utilizadas em casacos e calçados, e seu óleo era extraído para iluminar ruas e lubrificar máquinas, juntamente com o óleo das baleias. Algumas espécies, como o lobo-marinho-antártico (*Arctocephalus gazella*) chegaram bem perto da extinção. E apesar de a atual taxa de crescimento populacional — em torno dos 10% ao ano — ser considerada animadora, para o turista ainda é uma sorte conseguir ver um ou outro exemplar. Embora sejam animais bem menores do que o elefante-marinho — os machos chegam a 200 kg e as fêmeas, a 40 kg — também exigem atenção, pois atingem 20 km/h numa corrida e podem ser agressivas.

Os pinípedes antárticos pertencem a duas famílias: Otariidae e Phocidae, a primeira com 'orelhas' ou



Arctocephalus gazella



Arctocephalus gazella

FOTOS: MARCELO PAZIO, JR.

abas auditivas chamadas pinas. E a segunda sem 'orelhas'. Ainda é possível separar as espécies de cada família pelo jeito de andar. Leões e lobos-marinhos (Otariidae) usam membros anteriores e posteriores para se mover em terra, numa postura mais vertical. Focas e elefantes-marinhos (Phocidae) deslizam deitados com a ajuda dos membros anteriores apenas.

Um pouco mais abundantes do que o lobo-marinho-antártico, as focas-de-

Weddell (*Leptonychotes weddellii*) aparecem em grupos animados, seja acompanhando veleiros e botes de desembarque, seja nadando em águas rasas, junto às praias. Um grupo desses nos saudou bem de frente à Estação Brasileira de Pesquisa Antártica Comandante Ferraz, na Ilha Rei George. Mais de 20 focas nos cercaram, mergulhando e emergindo seguidamente, com olhares investigadores, como se quisessem ver o conteúdo do bote.

Focas e elefantes-marinhos do Pólo Sul

As espécies de Phocidae que vivem perto da Antártica são:

Elefante-marinho-do-sul (Mirounga leonina) – É a maior espécie de pinípede. Os machos chegam a 5 toneladas e 5 metros. As fêmeas pesam até 900 kg e medem 3 m. Vivem em grupos compostos de um macho dominante e cerca de 30 a 50 fêmeas e seus filhotes

Foca-leopardo (Hydrurga leptonyx) – Exímia caçadora de pingüins, além de outros animais marinhos, incluindo outras focas. Com cabeça maciça e boca grande provida de dentes apropriados para segurar, rasgar e triturar, chega a 590 kg e 3,60 m. Vive em mares sujeitos a congelamento (pack-ice). Tem pelagem marrom ou cinza-clara com manchas mais escuras

Foca-caranguejeira (Lobodon carcinophaga) – Também vive em mares sujeitos a congelamento e co-

tuma ser vista sobre pedaços de gelo flutuantes. De cor cinza escuro a prateado, a fêmea é maior do que o macho e atinge 230 kg e 2,70 m. Alimenta-se principalmente de crustáceos planctônicos (krill), que filtra com seus dentes multilobados

Foca-de-Ross (Ommatophoca rossii) – É a menor foca antártica com 200 kg e 2,40 m. Vive em mares sujeitos a congelamento. Tem olhos grandes, dentes pequenos e pode ser reconhecida pelo hábito de levantar a cabeça com a boca aberta, voltada para cima, um comportamento de intimidação

Foca-de-Weddell (Leptonychotes weddellii) – É a espécie que se reproduz mais ao sul, entre todos os pinípedes. Vive entre as ilhas Shetland e a Antártica. O padrão da pelagem varia muito de indivíduo para indivíduo, com e sem manchas. As fêmeas são maiores do que os machos e chegam a 550 kg e 3,30 m



A foca quase foi extinta: era comida de cães de trenó

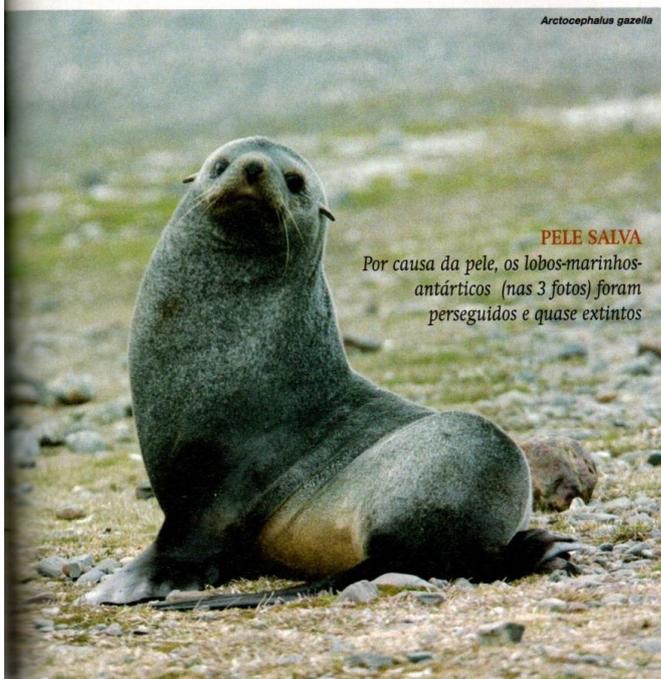
As fêmeas dessa espécie são maiores do que os machos e alcançam 330 kg. Vivem em baías e enseadas sujeitas a congelamento e podem nadar debaixo do gelo fino, às vezes abrindo buracos com os dentes incisivos e caninos projetados para a frente, para respirar. Têm olhos grandes e são capazes de enxergar com muito pouca luz, concentrando boa parte de sua atividade durante as longas horas de crepúsculo e amanhecer. Embora pouco estudado, seu sistema de comunicação é considerado sofisticado, de nível semelhante ao dos golfinhos.

A habilidade das focas-de-Weddell em sobreviver em condições-limite de clima, no entanto, também não livrou a espécie da pressão exercida pelo homem. Durante as grandes expedições de exploração ou caça dos séculos 18 e 19, a espécie foi muito perseguida, pois sua carne era servida como alimento para os cães de trenó. Hoje, mais tranquilas, elas aparecem aqui e ali, em preguiçosos banhos de sol, sobre pedaços de gelo à deriva, durante a fase de degelo da primavera e verão. Como outras focas antárticas, recebem os observadores com um misto de curiosidade e receio, levantando atentas a cabeça, sempre prontas a buscar a segurança das águas geladas, caso as visitas se aproximem demais. Com a consolidação do turismo de observação na região – e a atenção às suas regras de não interferência nos hábitos e comportamentos da fauna – a expectativa é de multiplicar esses banhos de sol e – quem sabe? – apagar o receio no olhar desses magníficos animais.

LIANA JOHN

AGRADECIMENTOS

Aos guias do MS Nordnorge (www.voyageofdiscovery.com) pela identificação dos animais avistados
Ao consultor Ivan Sazima pelas informações complementares sobre os pinípedes e tradução de seus nomes comuns para o português



Arctocephalus gazella
LIANA JOHN

PELE SALVA

Por causa da pele, os lobos-marinhos-antárticos (nas 3 fotos) foram perseguidos e quase extintos